

LINGUASAGEM

ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: CANTEIROS DE TRABALHO¹

Marcos LS GÓIS²
Letícia dos Santos RODRIGUES³

"[...] tal como a teologia ou a apologética, no caso da religião, [a literatura sobre a ciência] supõe que se considere a ciência como fato adquirido". (LATOURETTE, 1997, p. 19).

Resumo

A Análise Dialógica do Discurso (ADD), centrada na perspectiva bakhtiniana de linguagem e discurso, tem-se destacado nas últimas duas décadas no Brasil como um dos mais promissores campos de pesquisa em estudos discursivos. Considerando compreender a dimensão atual dessa afirmação, faz-se uma breve revisão desse campo de estudo e, ao mesmo tempo, apresentam-se dados que comprovem sua produtividade. Para tanto, procede-se da seguinte maneira: num primeiro momento, trata-se da emergência da expressão ADD no Brasil; num segundo, discute-se sua natureza científica; por fim, apresenta-se um quadro de teses e dissertações produzidas em ADD, a partir do ano 2000, em universidades brasileiras, recolhidas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (<http://bdt.ibict.br/>). O trabalho, ao historicizar a ADD, permite que novas pesquisas possam preencher lacunas desta e, sobretudo, canalizar esforços para o aprimoramento da área em destaque.

Palavras-chave: Ciência. História; Análise Dialógica do Discurso; Metodologia de pesquisa.

Introdução

A Análise Dialógica do Discurso é um proeminente campo de pesquisas nos estudos discursivos brasileiros. Uma afirmação assim, sem amparo, poderia soar

¹ Este texto é um exercício que começou a emergir durante o pós-doutoramento na PUC-SP, período em que indagamos sobre a emergência da ADD enquanto campo do saber e suas especificidades. Fomos encontrando, ao construir uma resposta, algumas pistas pelo caminho, dentre elas um artigo de Borges Neto (2008), no qual o autor discute a tese de Imre Lakatos sobre a “Metodologia dos Programas de Investigação Científica”. Foi pelo olhar destes dois que iniciamos esta caminhada.

² Professor Associado III da FACALE-UFMG. Programa de Pós-Graduação em Letras-UFMG. Pós-doutorado na PUC-SP (2014-15). E-mail: profmarcosgois@gmail.com. Processo CNPq: n. 448529/2014-9.

³ Mestranda do programa de pós-graduação em Letras da UFMG. E-mail: lehrodrigues1612@gmail.com.

panfletária. A proposta deste texto é, assim, tecer algumas palavras a respeito da natureza científica da Análise Dialógica do Discurso (ADD), construída no Brasil a partir das contribuições teóricas do pensador Mikhail Bakhtin e do já consagrado Círculo de Bakhtin (BRAIT, 2009), por estudiosos brasileiros do discurso. Em outros termos, apresentamos algumas reflexões teóricas e históricas que envolvem a ADD, tentando compreender sua constituição como campo de investigação das linguagens e, de modo especial, dos discursos.

Para discutir a emergência da ADD, procedemos à leitura de referências, auxiliados por recursos da Internet, para localizar em banco de dados virtuais a primeira ocorrência da expressão “análise dialógica do discurso”. Localizando-o, catalogamos as informações e, descrevendo-as, compreendemos (onde, quando, como) sua inserção em pesquisas acadêmicas. Num dialógico muito próximo a Imre Lakatos (1998), fazemos alguns apontamentos sobre o “programa de investigação científica” da ADD.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: num primeiro momento, contextualizamos a ADD no quadro histórico de pesquisas de natureza discursiva e, em especial, bakhtiniana no Brasil. Em seguida, mobilizamos Imre Lakatos (1998) para pensarmos a ADD enquanto ciência⁴ promissora, e, desde já, acentuamos que discutir “ciência” tem importância social e política, não se tratando, portanto, de um problema meramente filosófico. Lakatos, ao longo de seu texto, problematiza traços que, na modernidade, serviriam para demarcar um conhecimento científico (a ciência, portanto) de um conhecimento dito não científico (pseudociência). Aproximando essa reflexão do campo dos estudos das linguagens e dos discursos, mostramos como a ADD pode ser, pelos traços demarcatórios, classificada como ciência. Ao final, apresentamos uma breve amostragem quantitativa de pesquisas produzidas no interior desse campo do saber para termos uma dimensão, mesmo que panorâmica, de seu estado atual.

⁴ Estamos cientes de que a proposta de Lakatos foi pensada considerando o campo das ciências chamadas duras (física e química, sobretudo), e não das linguagens. Portanto, o exercício também é discutir se o que postula Lakatos pode produzir sentidos ao considerarmos outros domínios. Esperamos ser felizes neste desafio.

Análise Dialógica do Discurso

Até um melhor entendimento, o termo surge pela primeira vez, para designar um modo específico de tratar o discurso distinto de outros estudos discursivos existentes⁵, na resenha-artigo “Mikhail Bakhtin: autor e personagem”, assinada por Beth Brait e publicada em 1998 no número 39 da *Revista USP*⁶. A pesquisadora oportunamente divide o texto em duas partes nucleares: “Movimentos de reconstrução da história de um pensamento” e “Esboço de uma figura de muitas faces”, nas quais trata com acuidade crítica da publicação em português, mesmo que tardia, da obra *Mikhail Bakhtin*, de autoria de Katerina Clark e Michael Holquist⁷. Para Brait, trata-se de obra de “inegável mérito”, primeiro, por conta do tratamento que os autores dão a “Bakhtin, sua época, seus círculos e as formas de constituição e circulação de suas teorias” (BRAIT, 1998, p. 158), e porque o livro se insere num movimento que, desde a década de 1960, contribui para a “celebridade de Bakhtin”. Alerta a autora para o caráter “pendular e ininterrupto” desse movimento que apresenta um pensador e proposições teórico-metodológicas dele e, sobretudo, do grupo do qual fez parte na Rússia na década de 1920⁸ e seguintes, suscitando questões complexas e integrantes para os estudos semióticos e discursivos.

As indagações presentes no livro de Clark e Holquist, e demais pesquisas relacionadas, ganham visibilidade por causa de uma série de fatores, dentre os quais Brait destaca dois: o modo fragmentado como a obra do pensador russo (Bakhtin) e dos demais membros do Círculo (Volochninov e Medvedev, em particular) circulou e foi recebido: “sem o conforto da sequência cronológica que possibilitaria um percurso mais seguro na direção do conjunto” (BRAIT, 1998, p. 159), e, ainda, por problemas relacionados à tradução do russo para outras línguas e destas para o português⁹.

⁵ A respeito da discussão a respeito do lugar da ADD nos estudos discursivos, pode-se consultar, dentre outras referências, Brait (2009); Paula e Stafuzza (2010); Paula (2013).

⁶ Este texto aparecerá em outro momento, no livro *Espaços da linguagem na educação*, organizado por Mary Júlia Martins Dietzsch (2005). No capítulo, Beth Brait troca o subtítulo para “o discurso na vida e o discurso na arte”, em lugar de “autor e personagem”, o que lhe confere um olhar mais heurístico.

⁷ No original: CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge: Harvard University Press, 1984. [Na tradução brasileira: CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998].

⁸ Sobre o grupo do qual fez parte Bakhtin, conhecido como Círculo de Bakhtin (ou Bakhtiniano), pode-se consultar o livro *Bakhtin e o Círculo* (e as referências que neste se encontram), organizado por Beth Brait (2009).

⁹ A respeito dos problemas de tradução, dentre outras obras, pode-se consultar Castro (1997) e Stella (2005).

Da reflexão crítica que Brait faz do livro de Clark e Holquest, destacamos o momento que parece materializar uma forma de produzir conhecimento à brasileira, chamada “análise dialógica do discurso”, dado que essa designação em tempo algum aparece em outros autores, sobretudo, franceses¹⁰, que busca(ra)m retrazar a história linguageira dos estudos do discurso. Neste mesmo trabalho, a pesquisadora menciona uma "abordagem dialógica" nos estudos da linguagem pela perspectiva bakhtiniana e cita um trabalho de Marília Amorim de 1996 (*Dialogisme et Alterité dans les Sciences Humaines [Dialogismo e alteridade nas Ciências Humanas]*), provavelmente escrito ao longo de 1995. Amorin, pelo que perquirimos, não utiliza em seu texto o termo análise “dialógica do discurso”, apenas "perspectiva dialógica" (*perspective dialogique*). Nossa pesquisa conclui que Beth Brait é quem primeiro faz referência, no Brasil, à expressão “Análise Dialógica do Discurso”¹¹, da seguinte forma: "Esse panorama é essencial para a compreensão do importante legado teórico que pode, em última análise, ser definido como uma *análise dialógica do discurso*, uma filosofia que se apoia tanto na linguagem literária quanto na vida cotidiana." (p. 163, grifos da autora).

A expressão “Pode ser definido como...” nos permite inferir que o termo ADD ainda não havia sido utilizado e que ali, naquele momento, estava sendo urdido. Há outros textos que, entre 1980 e 2000, usam "perspectiva dialógica", "estrutura dialógica" e "orientação dialógica" seguidas ou não de "discurso". Orientação dialógica, por exemplo, está assim num texto traduzido de Bakhtin:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. [...]. (BAKHTIN, 2002. p. 88).

Nos anos subsequentes a 1998, o termo ganhará cada vez mais forças por causa, sobretudo, dos esforços de Beth Brait e de outros pesquisadores direta ou indiretamente a ela ligados, conforme já mencionado na Introdução, em levar adiante um projeto científico para dar solidez a uma perspectiva de pesquisa *bakhtiniana* à brasileira para

¹⁰ Referimo-nos, por exemplo, aos trabalhos de Denise Maldidier, Jacques Guilhaumou, Francine Mazière, Dominique Maingueneau, etc..

¹¹ Não desejamos com esta afirmação encerrar o assunto da *origem*, mesmo porque não é significativa para a direção que seguimos aqui. Não é importante porque a expressão, embora possa não ter sido usada antes de 1998, não seria difícil ter sido dita, dada a efervescência intelectual no seio da qual os termos “dialógico/dialógica”, “discurso” e “análise” moviam-se na década de 1990 e anterior; não é importante também porque nosso desejo não é construir a história da expressão.

os estudos semióticos e dos discursos¹². Não asseveramos com isso que Brait tenha sido a primeira pesquisadora brasileira a mobilizar em suas pesquisas sobre língua e literatura (linguagem literária) o ferramental teórico-metodológico de Bakhtin e do Círculo. Ainda na década de 1970-80 do século passado¹³, por exemplo, autores como Boris Schnaiderman (1983) e outros já mobilizavam textos de Bakhtin em seus trabalhos¹⁴. Todavia, todo esforço desses pesquisadores teria sido em vão se, como mostramos adiante, apenas correligionários e seguidores ortodoxos apostassem nessa possibilidade teórica e metodológica de investigação. Se assim fosse, muito se aproximaria de uma seita ou de um partido político, cujos membros se movem, muitas vezes, por inconsequentes paixões.

Como expomos adiante, há uma série de trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) que, desde os anos 2000, utilizam-se o termo ADD, mas que não fazem, dos trabalhos lidos, sua reconstituição história, tomando-o por certo e verdadeiro. Isso nos permite fazer de modo pontual duas observações: 1º) esses pesquisadores aceitam, conscientes ou não, a consolidação da área, aceitando-a como *inconteste*; 2º) as bases desse (novo) campo de estudo mostraram-se sólidas, o que ratifica a primeira nota. Duas afirmações para as quais construímos uma exposição nos próximos tópicos.

Por fim, sabemos que um campo do saber não emerge e se firma única e exclusivamente por causa de uma mente brilhante. É o resultado de um processo (in)tenso, custoso e longo de embates teóricos, de processos de construção, percepção e recepção, de glórias e decepções, ou, conforme veremos, de vigorosos diálogos com outras formas de fazer existir “conhecimentos”.

¹² Um grupo de expressão neste campo é formado por integrantes do GT Estudos Bakhtinianos, fundando em 2008-9. Para maiores informações, pode-se consultar a página *Linguagem, identidade e memória* (<http://www.linguagemememoria.com.br>) e a revista *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso* (<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/index>), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sendo esta a principal referência no Brasil para trabalhos na área.

¹³ Importa lembrar que, no Brasil e em português, o primeiro livro traduzido de Bakhtin (Volochninov) foi *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência da linguagem*, cuja tradução teve como base a versão francesa dessa obra e foi conduzida por Michel Lahud e Yara Frateschi para a editora Hucitec e publicado em 1979.

¹⁴ Clara Ornellas (1998), em sua dissertação de mestrado, diz que, desde o início da década de 1970, Bakhtin já era citado em pesquisas acadêmicas no Brasil, e enfatiza as contribuições de Boris Schnaiderman. Segundo a autora, em 1971, numa disciplina ministrada por Schnaiderman, havia a seguinte referência a Bakhtin no conteúdo programático: “[...] ‘O pequeno herói’ – a visão parodística e polifônica de Dostoiévski (no sentido de M. Bakhtin) permite-lhe profunda penetração psicológica, muito além das limitações da ciência da época”.

Imre Lakatos, Traços e ADD

Lakatos (1998) apresenta um panorama dos principais traços que caracterizam uma ciência ao longo da modernidade e os problemas que a acompanham. O primeiro desses traços diz respeito à força da crença: se um número de pessoas acreditar de maneira suficientemente forte num novo conhecimento (teórico e/ou metodológico), tal conhecimento será aceito como científico. Obviamente que, por esse raciocínio, bastaria à ADD arrebanhar um número significativo de fiéis, propagandistas dogmáticos, com a tarefa de colocar em curso seus procedimentos teórico-metodológicos, para lhe conferir o grau de cientificidade, e o que acontece, por exemplo, com conhecimentos do tipo astrologia, homeopatia, cientologia, terraplanismo, dentre outras. O próprio Lakatos trata de fazer uma objeção: “Se a força das crenças fosse o traço distintivo do conhecimento, teríamos de considerar como conhecimento [científico] algumas histórias de demónios, anjos, forças do mal, céu e inferno” (LAKATOS, 1998, p. 11).

Toda teoria deve ser aceita, por parte da comunidade científica, com certo ceticismo, visto que a adesão cega, sempre segundo Lakatos, não é uma virtude intelectual, senão uma desonestidade. Para o autor, portanto, o fato de ninguém acreditar num determinado enunciado não faz dele a-científico. Nesse sentido, há quem defendeu (ou ainda defenda) que o valor científico de determinado conhecimento dependeria “apenas do suporte objetivo que essas conjecturas encontrem nos fatos” (LAKATOS, 1998, p. 12), e este seria outro traço da cientificidade de uma (proposta de) ciência. Assim, a “honestidade científica” foi ou é vista como um traço que conferiria cientificidade a um conhecimento. O princípio ético básico da “honestidade científica” pode ser assim formulado: um(a) cientista não deveria enunciar algo que não fosse altamente provável, correto, verdadeiro, etc.. Todavia, como sabemos, não é suficiente apostar todas as fichas nos *fatos*, isso porque não é fácil responder o quão suficientes devem ser os *fatos* para conferir cientificidade a um determinado conhecimento. Para Lakatos, ao longo da história da ciência moderna ficou provado que “uma lei da natureza não pode ser derivada de um qualquer número finito de factos” (LAKATOS, 1998, p. 13). Na prática, muitas teorias que, numa determinada época, eram aceitas como científicas por causa dos fatos que as comprovavam, e cita o caso das teorias newtonianas, mostraram-se, tempos depois, falsas, imprecisas, incompletas.

Lakatos diz que, no século XX, os lógicos indutivos postularam a existência de outro traço demarcatório: a escala contínua. Isto é, “Se a probabilidade matemática de uma teoria for elevada, esta considera-se científica; se for baixa ou mesmo nula, a teoria não é científica” (LAKATOS, 1998, p.14). Desse modo, postulavam a existência de teorias pobres e teorias ricas. O principal crítico desse traço foi Karl Popper que, em 1934, afirmou ser “zero” a probabilidade matemática de uma teoria ser provada, “seja qual for a quantidade de elementos probatórios” (apud LAKATOS, 1998, p. 14). Em outros termos, “as teorias científicas não só são igualmente não comprováveis como são também igualmente improváveis” (apud LAKATOS, 1998, p. 14). Exemplo: há um milhão de *fatós* que contribuem para comprovar uma teoria; basta um único contrário para colocá-la no chão. Assim, Popper propõe o critério da “falsificabilidade” que, *grosso modo*, significa deslocar o foco das “teorias” para o “método” ou, em outros termos:

Uma teoria é "científica" se à partida se especificar uma experiência (ou observação) crucial que a possa falsificar, e é pseudocientífica se houver recusa em especificar esse "falsificador potencial". Contudo, neste caso, não fazemos a demarcação entre teorias científicas e pseudocientíficas, mas antes entre método científico e não científico. (LAKATOS, 1998, p. 15, grifos do autor).

Para ilustrar, afirmamos que, por este critério, a ADD seria considerada científica se, aqueles que a defendem, a praticam, a sustentam, estiverem preparados para especificar o que os faria, se observado, abandonar a tese central da ADD. É contra esse ponto de vista de Popper que Lakatos se pronunciará, dizendo não ser o critério da falsificabilidade um traço demarcatório pelo simples fato de que cientistas inventam hipóteses alternativas (ou auxiliares) para as anomalias ou as ignoram completamente e focam outros problemas, e assim vão “garantindo” a existência científica desse conhecimento.

De uma vez, ao criticar a ideia de Popper, Lakatos também coloca em xeque o que postula Thomas Kuhn (1997), quando este defende que as ciências avançam por “revoluções científicas”. Lakatos sustenta, em síntese, que estas "revoluções" não permitem demarcar as fronteiras entre ciência e pseudociência pelo fato de Kuhn defender que “as revoluções científicas são mudanças de visão súbitas e irracionais”. (LAKATOS, 1998, p. 16).

Afinal, para o pesquisador húngaro, qual o principal traço que confere cientificidade a um campo de estudo? A resposta: a “metodologia de programas de investigação científica”. Para Lakatos, todo programa de investigação aspirante ao rótulo “científico” apresenta uma hipótese principal, a que chama núcleo, e hipóteses auxiliares. Além disso, esse novo campo de estudo deve apresentar um poderoso conjunto de mecanismos, a que chama “heurística”, capaz de resolver problemas. Por exemplo, se aparece uma anomalia que aparentemente tende a comprometer o núcleo, os cientistas analisarão outras conjunturas, inclusive, postulando dados que, plausíveis, ajudam a compreender as anomalias. Por causa desta perspectiva, Lakatos afirma que a degenerescência de uma determinada ciência ocorre quando teorias melhores surgem para explicar os fenômenos que, até então, a teoria anterior dava conta.

Feitas essas breves considerações, resta perguntar: o que faz (ou não) da Análise Dialógica do Discurso um campo de estudos científicos, portanto, uma ciência, inscrevendo-se no âmbito do campo dos estudos discursivos? É um esboço de resposta que apresentamos no próximo item.

Análise Dialógica do Discurso: Programa de Investigação Científica

Mostramos como Lakatos apresenta um traço demarcatório entre ciência e pseudociência. Diante da pergunta formulada ao final do item anterior, uma resposta possível é esta: para que a ADD seja aceita enquanto ciência, é necessário que seu programa de investigação apresente: a) um núcleo central [hipótese principal], cuja defesa tenaz ficaria a cargo de um conjunto de cientistas; b) uma cintura protetora flexível, formada por hipóteses auxiliares; e c) um poderoso mecanismo para solucionar problemas. É sobre esses pontos que tratamos a seguir.

Ao retornamos ao trabalho de Brait de 1998, percebemos que o espaço dedicado a discutir a ADD é modesto (reconhecemos que discuti-la não era o objetivo daquele texto). Entre essa data e as subsequentes, a proposta avança a passos cada vez mais seguros, mesmo que de “maneira um tanto estilhaçada” (BRAIT, 2004, p. 5) no início do século XXI, com o objetivo de demarcar um lugar bakhtianista nos estudos semióticos e discursivos no espaço geográfico brasileiro.

Para Brait, o conjunto das obras de Bakhtin e demais membros do Círculo revela-se capaz de sustentar teórica e metodologicamente um campo de estudo que trabalha a linguagem “dentro de uma perspectiva das ciências humanas e não como

tarefa específica de uma única disciplina” (BRAIT, 2004, p. 5). A ADD defende, em tese, que a obra desses pensadores russos é suficientemente forte para sustentar um campo de investigação mais amplo sobre a linguagem não pensados por eles, cujos objetos de investigação não estejam centrados num “ele”, e sim num “tu”. Essa nova postura caracteriza sua natureza dialógica ao promover o deslocamento do “eu” para o “tu”, e, por isso mesmo, instaura “um interlocutor que se inclui na construção do discurso científico das ciências humanas” (BRAIT, 2004, p. 5).

Portanto, o núcleo – hipótese principal – da chamada ADD é a concepção de que tanto sujeito quanto objeto são ativos nos processos de investigação científica. Não é, assim, da submissão de um pelo outro, ou do relevo de um em relação ao outro, mas de “diálogo”. Não se trata, logo, a ADD

[...] de uma linguística ou de uma teoria do texto *stricto sensu*, o corpo de conhecimentos constitutivos de uma análise dialógica do discurso advém necessariamente de “arquivos”, de corpus, de conjuntos de textos, e não tem como meta a análise de um texto, de um trecho ou de uma sequência (embora possa fazê-lo). A análise das partes está sempre a serviço de um todo, a teoria a serviço da reflexão sobre a linguagem, sobre os discursos, sobre o homem e seu estar no mundo, e nunca em função do esquitejamento anatômico de um *corpus*, conforme as normas de um manual de instruções. (BRAIT, 2004, p. 6-7, grifos da autora)

Isso posto, a ADD sustenta

[...] a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. (BRAIT, 2006, p. 10).

Considerando essas duas citações, mobilizamos novamente Lakatos, para quem a Metodologia do Programa de Investigação Científica é responsável por conferir cientificidade a determinado campo de estudo; o autor defende que uma das características principais da metodologia de uma nova ciência é prever fatos novos. Assim, “num programa de investigação progressivo, a teoria conduz à descoberta de factos novos (até então desconhecidos). Nos programas degenerativos, contudo, as teorias são arquitetadas meramente para enquadrar factos conhecidos” (LAKATOS, 1998, p. 18). No programa de investigação da ADD, talvez a principal contribuição seja assegurar que, a partir do arcabouço teórico de Bakhtin, Medvedev, Volóchinov e

outros russos do grupo, a materialidade verbo-visual de um enunciado deva ser analisada de modo indissociável. Cumpre destacar que o empreendimento epistemológico engendrado pela ADD para dar conta do verbo-visual, apesar de buscar subsídio em Bakhtin e outros autores do mesmo grupo, diferencia-se destes, não só pelo fato de mobilizar objetos distintos dos quais os pesquisadores do Círculo se debruçaram, mas, sobretudo, por conta da necessidade de elaborar categorias analíticas que deem conta da verbo-visualidade em sua natureza complexa. De maneira mais contundente, para Brait, a *dimensão verbo-visual de um enunciado*:

[é a] dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente. (BRAIT, 2013, p. 44).

O princípio que move esta defesa é o de que, a rigor, nas obras de Bakhtin e do Círculo, o que se encontra ao tratar de uma teoria ampla para a linguagem é o verbal (oral ou escrito) e o visual (imagem, retrato, fotografia) como centro, e não o verbo-visual conjuntamente. Então, o que caracterizaria o enunciado verbo-visual na perspectiva da ADD? Eis uma resposta que destacamos de Brait:

[...] o enunciado/texto verbo-visual caracteriza-se como dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria (individual ou coletiva), de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, evidenciando relações mais ou menos tensas, entretecidas pelo face a face promovido entre verbal e visual, os quais se apresentam como alteridades que, ao se defrontarem, convocam memórias de sujeitos e de objetos, promovendo novas identidades. (2013, p. 62).

Como observamos nesse pequeno percurso até aqui, a ADD vem sendo capaz de não apenas superar as dificuldades que encontra, como também de se mostrar consistente, teórica e metodologicamente, no trato de um objeto tão complexo como é a verbo-visualidade, como essa citação nos permite depreender. Todavia, é preciso algo mais para que um determinado campo do saber seja considerado científico. Para a ADD avançar, ela é obrigada a elaborar e reelaborar constantemente modelos de análise que, embora diferentes, compartilham do mesmo núcleo e seguem uma mesma heurística positiva. Nessa linha de raciocínio, esse campo de estudo se firma, torna-se sólido,

porque há um conjunto de cientistas contribuindo racionalmente para o seu progresso¹⁵. É a respeito disso que tratamos a seguir.

Análise Dialógica do Discurso: canteiros de trabalho

Até o presente momento, mostramos como a ADD vem construindo um espaço específico nos estudos da linguagem e do discurso desde o final do século XX, pela mobilização de Bakhtin e demais membros do Círculo. Para isso, situamos, mesmo que brevemente, o surgimento da expressão “análise dialógica do discurso”, sem a preocupação de fazermos sua arqueologia ou mesmo a sua arqueogenealogia. Depois, mobilizamos Lakatos para refletirmos sobre alguns traços que nos ajudam a compreender a ADD enquanto campo de estudo científico específico. Uma dessas marcas, conforme afirmamos ao final do item anterior, diz respeito à capacidade de uma nova metodologia de investigação científica de se desenvolver mobilizando cientistas que a fazem progredir. Para tanto, é necessário que tais pesquisadores sejam capazes de, ao mesmo tempo, ratificar os princípios teórico-metodológicos desse campo, como fazê-lo evoluir a partir de seu programa de investigação.

Para tentar comprovar esta última afirmação, buscamos quantificar o alcance e aceitação da ADD neste início de século XXI. Para tanto, começamos digitando “análise dialógica do discurso”¹⁶ no site de busca *Google*, e este nos retornou, em 12 de maio de 2021, 10.600 (dez mil e seiscentos) resultados, dados que nos deu uma dimensão de quantidade, ao mesmo tempo que nos impediu de investigar cada uma dessas ocorrências, dada à natureza limitada deste artigo. Assim, buscamos outros meios de aferir, mesmo sem a verticalização necessária, a envergadura de produção da ADD e, com isso, termos uma noção do alcance da ADD na atualidade. Metodologicamente, procedemos da seguinte maneira:

¹⁵ A título de ilustração, a partir da proposta “verbo-visual”, alguns pesquisadores ampliaram o campo e passaram a se interessar por materialidades que também utilizam “som”, dando origem à expressão “verbo-voco-visual” (tomada de empréstimo de Décio Pignatari), como podemos ler na descrição do Grupo de Estudos Discursivos (GED), ligado à Universidade Estadual Paulista (Unesp), fundado em 2010 e liderado por Luciane de Paula: “Nesse contexto, insere-se o projeto atual, que busca evidenciar, especificamente, as questões enunciativas, de significação e sentido dos discursos/textos “verbo-voco-visuais”.” (Disponível em: <https://gediscursivos.wordpress.com/sobre-o-ged/>. Acesso em: 25 set. 2021). Há outras expressões semelhantes, em textos diferentes, como “verbo-áudio-visual”, “verbo-visual-auditiva”, dentre outras.

¹⁶ Como já é de conhecimento comum, quando uma busca recebe o comando “entre aspas”, isso sinaliza que o buscador (no caso, o *Google*) efetuará a procura pela expressão exata de tudo que está entre as aspas.

1º) Elegemos textos acadêmicos posteriores a 1998, ano que consideramos paradigmático neste trabalho, por ser o texto a partir do qual Beth Brait propõe no Brasil a expressão “Análise Dialógica do Discurso”. Para efeito ainda de delimitação, utilizamos apenas trabalhos publicados no século XXI. E a explicação é simples: dos trabalhos de Beth Brait por nós analisados, entre 1998 e 2000 houve pouca visibilidade da ADD em periódicos.

2º) Como seria difícil no momento desta reflexão recolher e analisar artigos científicos, optamos por teses e dissertações.

3º) Para localizar essas teses e dissertações, valemo-nos da *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD). Justificamos essa escolha por ser a Biblioteca, desde 2002, arquivo virtual de informações a respeito da produção acadêmica em nível de pós-graduação produzida em território brasileiro. Registra documentos desde 1996 de aproximadamente 125 instituições¹⁷.

Digitamos “análise dialógica do discurso” em “todos os campos”, e o buscador retornou 148 (cento e quarenta e oito) resultados, sendo 96 dissertações de mestrado e 52 teses de doutorado. Com esse comando, investigamos a ocorrência da expressão nas áreas título, resumo e palavras-chave.

Neste texto, não é nosso desejo realizar uma análise verticalizada dos dados; faremos isso noutra oportunidade. Apresentamos alguns dados coletados na investigação, realizando uma leitura das informações, ilustrando ADD veio ganhando força neste século XXI, constituindo-se num campo de investigação científica promissor. Na Figura 1, apresentamos a distribuição de teses e dissertações em ADD por instituição, o que nos permite ter uma ideia panorâmica da situação acadêmica dessa ciência. Ela nos dá uma perspectiva das instituições envolvidas na tarefa de levar a ADD adiante, solidificando-a enquanto campo do conhecimento.

¹⁷ Informações disponíveis em: <http://bdttd.ibict.br/>. Acesso em: 20 maio 2021.

| Instituições | Teses | Dissertações | Total |
|---------------------|--------------|---------------------|--------------|
| PUC-SP | 10 | 11 | 21 |
| UNESP | 04 | 14 | 18 |
| UTFPR | 03 | 13 | 16 |
| UFSC | 06 | 09 | 15 |
| UFPR | 01 | 11 | 12 |
| UFPE | 07 | 03 | 10 |
| UFRN | 04 | 05 | 09 |
| UCPEL | 04 | 01 | 05 |
| UFMT | 01 | 04 | 05 |
| UFPB | 01 | 02 | 03 |
| UFRPE | 01 | 02 | 03 |
| UNIOESTE | 02 | 02 | 04 |
| USP | 01 | 02 | 03 |
| UEM | 00 | 02 | 02 |
| UEPG | 00 | 02 | 02 |
| UFG | 01 | 01 | 02 |
| UFPEL | 00 | 02 | 02 |
| UNICAMP | 00 | 03 | 03 |
| UTP | 02 | 00 | 02 |
| UCS | 01 | 00 | 01 |
| UEL | 01 | 00 | 01 |
| UFC | 01 | 00 | 01 |
| UFES | 01 | 00 | 01 |
| UFS | 00 | 01 | 01 |
| UFSCAR | 00 | 02 | 02 |
| UFSM | 00 | 01 | 01 |
| UNB | 00 | 01 | 01 |
| UNITAU | 00 | 01 | 01 |
| UNIFESP | 00 | 01 | 01 |

Figura 1 - Distribuição de teses e dissertações em ADD por instituição¹⁸

Deste quadro, inferimos o seguinte: a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com 21 trabalhos, e a Universidade Estadual Paulista (Unesp), com 18 defesas, ocupam as duas primeiras posições com maior número de teses e dissertações defendidas desde 2000. Isso se justifica porque se encontram nestas instituições,

¹⁸ Fonte: Dados coletados por Leticia dos Santos Rodrigues junto à BDTD em 2021

respectivamente, as professora Beth Brait¹⁹ e Marina Célia Mendonça²⁰, responsáveis a primeira por 11 trabalhos orientados e, a segunda, por sete orientações. Elas são duas das mais renomadas investigadoras em ADD. Mesmo que a PUC-SP e a UNESP sejam as instituições com maior número de defesas, conforme os dados da pesquisa, observamos que, entre os dez primeiros lugares, os trabalhos encontram-se relativamente distribuídos no território nacional, estando contempladas as regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Nordeste. Por outro lado, não encontramos trabalhos desenvolvidos na região Norte.

Das hipóteses que explicariam tal alcance da ADD, podemos destacar duas: a primeira diz respeito à aceitação deste campo de estudo como campo promissor de pesquisa, tanto teórica, quanto metodologicamente; tanto para pensar objetos verbo-visuais, quanto verbo-voco-visuais. A segunda hipótese diz respeito à formação de novos pesquisadores, que têm produzido resultados satisfatórios, fazendo com que a ADD seja levada para diversas regiões do Brasil, recebendo nestes lugares as adequações necessárias para atender à realidade do local.

Palavras Finais

Este trabalho se propôs como problema responder o que faz da Análise Dialógica do Discurso, centrada na perspectiva bakhtiniana de linguagem e discurso, um campo de pesquisa científico. Fizemos, para tanto, uma revisão desse campo de estudo, quando tratamos da emergência da expressão ADD no Brasil e, com base em Imre Lakatos, discutimos sua natureza científica. Por fim, trouxemos alguns dados de pesquisa realizada junto à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, por meio da qual localizamos e quantificamos teses e dissertações defendidas a partir do ano 2000 que fizeram uso da expressão “Análise Dialógica do Discurso” em sua descrição.

Esperamos que este trabalho tenha apresentado de modo satisfatório a defesa de que a ADD possui todos os atributos para se sustentar enquanto campo de saber

¹⁹ Os dois projetos de pesquisa em andamento de Bret Brait são, de acordo com o currículo Lattes da pesquisadora: *Discursos literários brasileiros de resistência* e *Discursos de resistência: tradição e ruptura*, e ambos têm por fundamentos, conforme descrição dos resumos, a Análise Dialógica do Discurso. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7028238588180059>. Acesso em: 30 set. 2021

²⁰ O projeto de pesquisa atual de Marina Célia Mendonça é: *O discurso sobre o ensino de Língua Portuguesa no Brasil e polêmicas sociais: análise dialógica de discursos na esfera didático-pedagógica após o impeachment de Rousseff*, conforme informações colhidas na Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0688738118968425>. Acesso em: 30 set. 2021

científico, ou seja, ela apresenta: a) um núcleo central; b) uma cintura protetora flexível, formada por hipóteses auxiliares; e c) um poderoso mecanismo para solucionar problemas.

Nossos dados nos permitiram concluir que, exceto pelo Norte, todas as demais regiões apresentaram teses e dissertações defendidas a partir de 2000 que tinham como base a “Análise Dialógica do Discurso”. A ausência de trabalhos da região Norte em hipótese alguma significa que lá não houve ou há trabalhos em ADD, mas tão-somente que precisamos investigar mais de perto tal ausência. Desconfiamos, e possuímos fortes indícios disso, de que a ADD também se encontra presente nessa região brasileira, talvez de modo menos intenso se comparada a outros sítios.

O próximo passo é levar as discussões do plano quantitativo para o qualitativo, de uma amostragem meramente ilustrativa para uma amostragem mais fidedigna à realidade, e isso ampliando o banco de dados de pesquisa. Uma amostra mais ampla e fiel nos permitirá, além de aprimorar a visão quantitativa que hoje temos da ADD, precisar o estado real conhecimento, qualificar os dados em aspectos como: autor(a); focos das pesquisas; métodos e técnicas investigação; referências; e outros. Uma investigação de abordagem quanti-qualitativa nos permitirá explorar, descrever e analisar os dados e, assim, construir o estado da arte da Análise Dialógica do Discurso nas duas primeiras décadas do século XXI no Brasil e acompanhar seu desenvolvimento em décadas futuras.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3, 93-217.
- BORGES NETO, J. Imre Lakatos e a Metodologia dos Programas de Investigação Científica. 2008. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/para_download/Lakatos.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.
- BRAIT, B. Mikhail Bakhtin: autor e personagem. **Revista USP**, n. 39, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35080>. Acesso em: 15 out. 2015.

- BRAIT, B. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trab. educ. saúde**, Mar 2004, vol.2, no.1, p.15-32. ISSN 1981-7746. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v2n1/03.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CASTRO, Elias Ribeiro de. O irreversível e o áporo. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed da Unicamp, 1997. p. 357-366
- DIETZSCH, Mary J. M. (org.). **Espaços da linguagem na educação**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2005.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.
- LAKATOS, Imre. Ciência e pseudociência. In: LAKATOS, Imre. **História da ciência e suas reconstruções racionais**. Tradução Emília Picado T.M. Mendes. Lisboa: Ed. 70, 1998. p. 11-20.
- ORNELLA, Clara A. **A Presença de Mikhail Bakhtin em Dissertação de Mestrado e Teses de Doutorado, em Letras, da USP e PUC/SP, no Período de 1972 a 1996**. 1998. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH. USP. 1998.
- PAULA, Luciane. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.239-258>. Acesso em: 20 set. 2021.
- PAULA, L.; STAFUZZA, G. (org.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**: três épocas histórico-analíticas. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- SCHNAIDERMAN, Boris. **Turbilhão e Semente**: Ensaio sobre Dostoiévski e Bakhtin. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.
- STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p.177-190.

Submetido em: 11/11/2021.

Aprovado em: 05/12/2021.

Como referenciar este artigo:

GÓIS, Marcos LS. RODRIGUES, Letícia dos Santos. Análise Dialógica do Discurso: Canteiros de Trabalho. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.40, n.1, 2021 p. X-X.